

ABORDANDO A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS E POSSIBILIDADE

Heloisa Batista¹

RU: 1983865

Patricia Santos²

RU: 2152529

Silva, Gustavo Thayllon França³

RESUMO

Nesta pesquisa, tem-se o intuito de compreender quais as lacunas presentes na educação que impedem a interlocução do trabalho pedagógico com o ensino das questões da sexualidade humana para as crianças na educação infantil, compreendendo quais os impactos e os motivos dessas dificuldades, bem como a proposição de oficinas psicopedagógicas para tal trabalho com os estudantes e oficinas psicopedagógicas para dirimir as lacunas e dificuldades dos professores e de suas formações iniciais. Como objetivo da pesquisa, busca-se refletir sobre a sexualidade infantil no contexto escolar e conhecer quais as possíveis práticas de abordagem existentes dentro da escola de educação infantil. Os objetivos gerais e específicos, auxiliarão para responder a indagação principal da pesquisa, de que maneira abordar a sexualidade na educação infantil e quais as possíveis práticas pedagógicas podem ser adotadas pelos docentes?. Como metodologia utilizou-se a revisão de literatura com abordagem de pesquisa qualitativa. Espera-se com esta pesquisa, contribuir para o entendimento da importância da dimensão da sexualidade para a promoção do desenvolvimento infantil das crianças nesta faixa etária.

Palavras-Chave: Sexualidade humana, Educação infantil, Docência, Sexualidade infantil.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a sexualidade infantil no contexto escolar e conhecer quais as possíveis práticas de abordagem existentes dentro da escola de educação infantil. O tema escolhido se torna indispensável, quando se observa as presentes lacunas da abordagem referente ao assunto nesta primeira etapa do processo educacional. Buscando melhor compreender as dificuldades que o professor tem em abordar a sexualidade com os alunos.

A sexualidade faz parte do cotidiano da sala de aula e em muitos momentos o professor fica sem saber como agir, porém, com a ineficiência das diversas instituições que

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER.

³ Professor Orientador do curso de Pedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER

cercam o aluno, cada vez mais cabe ao profissional da educação esclarecer e orientar as crianças da maneira correta, buscando aperfeiçoamento, pesquisando sobre o assunto para assim obterem um melhor desempenho perante a manifestação da sexualidade de seus alunos.

É possível constatar que a sexualidade é um fator natural de desenvolvimento corporal e descobrimento de si próprio, bem como os demais setores da vida dos sujeitos, porém quando esta descoberta, não se faz após orientação, podem ocorrer traumas ou aprendizagens errôneas.

Evidencia-se que a sexualidade não é apenas o ato genital como prega o senso comum, e deve ser trabalhado com muito respeito por meio de metodologias variadas, buscando assim facilitar a aprendizagem da criança, para que ela possa se conhecer e desenvolver-se da melhor maneira possível. Envolvendo a necessidade da abordagem de forma natural e fluida aos alunos da educação infantil, sendo necessária a capacitação dos educadores desta área.

Na atualidade, no campo educacional tem-se colocado em debate a temática da Educação Sexual, sendo incluído nos Parâmetros Curriculares Nacionais como um dos temas transversais sendo contemplados na abordagem das escolas, bem como de maneira transversal da Base Nacional Comum Curricular por meio das habilidades socioemocionais.

Partindo do exposto até agora apresentado, busca-se como indagação compreender de que maneira abordar a sexualidade na educação infantil e quais as possíveis práticas pedagógicas podem ser adotadas pelos docentes?

A partir do problema de pesquisa apresentado anteriormente, a presente pesquisa se justifica com o atual cenário de violência no Brasil, em pleno século XXI ainda presenciamos a negligência das instituições de ensino quando se trata da educação sexual das crianças. Está assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente os direitos humanos, ou seja, o direito à educação, à saúde e à informação, contudo, há um certo tabu em torno da sexualidade, o que explica (mas não justifica) o descaso e a violação aos direitos das crianças, que conseqüentemente implica na exposição à abusos sexuais, à violência física, psicológica, estupro e exploração sexual, além disso, temos ainda, até a perspectiva da exposição infantil e a sexualização em meios digitais.

De acordo com a Cartilha do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), atualizada em maio de 2021, foram registradas aproximadamente 95 mil denúncias de violência contra crianças e adolescentes em 2020, desse total, mais de 14 mil corresponderam a abuso sexual, estupro e exploração sexual. O estudo busca formas de implementar essa pauta dentro das salas de aula da educação infantil visando a proteção e o pleno desenvolvimento das crianças, justificando assim o objeto de estudo deste artigo.

Para responder a indagação principal e partindo da justificativa, estabelece-se o objetivo geral sendo a necessidade de refletir sobre a sexualidade infantil no contexto escolar e conhecer quais as possíveis práticas de abordagem existentes dentro da escola de educação infantil. Este objetivo geral, se desdobra em mais cinco objetivos específicos sendo: 1) Identificar possíveis dúvidas dos alunos e docentes em relação à sexualidade; 2) Desenvolver respeito pelo corpo próprio e o do outro; 3) Refletir sobre diferenças de gênero e relacionamentos; 4) Promover uma reflexão a partir das dúvidas levantadas com a equipe multidisciplinar e 5) Proporcionar um espaço de escuta, acolhimento e proteção.

2. Metodologia

Para o professor na sala de aula, a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais vem no sentido de que a escola deve se posicionar clara e conscientemente sobre as referências e os limites com os quais trabalhará as *expressões da* sexualidade de seus alunos. Devem ser propostas ações de esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre o tema dentro do espaço que lhe pertence, por onde as crianças aprenderam a distinguir as expressões que devem fazer parte apenas de sua intimidade e as pertinentes ao convívio social.

A curiosidade sobre o corpo do outro, as brincadeiras com colegas, piadas e músicas sobre a sexualidade, as perguntas e imitações de gestos e atitudes relativos à manifestação da sexualidade adulta estão presentes de forma bastante intensa na rotina da escola. Para que possa atuar com tranquilidade, o educador deve ter *consciência do* comportamento sexual das crianças, de forma a poder orientar adequadamente seus alunos nessa fase.

Valores, crenças e opiniões relacionadas à sexualidade. Todas as pessoas, até sem perceber, acabam transmitindo valores relativos à sexualidade cotidianamente. Esse comportamento também é verdadeiro no trabalho do professor, inclusive, quando responde ou não às questões trazidas pelos alunos.

Em outras palavras, o professor não deve mudar seus valores, a não ser que resolva fazê-lo, além disso, deve ser respeitado em suas posições por aqueles que discordam. Entretanto, o professor deve ser recíproco no ato de respeitar as posições dos outros, especialmente de seus alunos: da mesma maneira, deve respeitar os valores das outras pessoas.

Neste sentido, esta pesquisa, se configura como uma pesquisa de cunho bibliográfico, onde conceitua-se segundo Severino (2007), a partir do:

“ [...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).”

Partindo do tipo de pesquisa adotado, estabelece-se ainda, a escolha pela abordagem qualitativa, que de acordo com Marconi e Lakatos (2010), se trata de uma pesquisa que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento. Assim, o que percebemos é que a ênfase da pesquisa qualitativa é nos processos e nos significados.

3 Revisão bibliográfica

3.1 Conceito de sexualidade, gênero e desenvolvimento infantil

No dicionário a palavra sexualidade resume-se a características morfológicas, fisiológicas e psicológicas relacionadas com o sexo, contudo, este conceito vai muito além desta descrição. Em conformidade com a Organização Mundial da Saúde:

"A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que

motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, à saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico." (OMS, 1975, apud EGYPTO, 2003, p.15-16)

A sexualidade humana é composta por três dimensões, e segundo Maracy Alves Silva (2019, pág. 20-26) a dimensão,

- Biológica- refere-se ao desenvolvimento e crescimento do corpo, à aparência física, à reprodução, ao desejo e à relação sexual.
- Psicológica: diz respeito às emoções, à personalidade, aos desejos, à comunicação interpessoal e ao autoconhecimento.
- Sociocultural: corresponde aos valores morais, à lei, à interação social e à religião

De acordo com Maria Cecília Pereira da Silva (2008, pág. 19-20), autora do livro “*Sexualidade começa na infância*”, a sexualidade inicia-se desde a maternidade, quando os pais criam expectativas em relação ao gênero e identidade sexual do feto. Continua sendo construída através das relações afetivas que o bebê tem com quem o cerca e das influências culturais presentes ao seu redor, a sexualidade infantil está alusiva ao nosso sensorial, vários momentos da rotina diária da criança estão inteiramente ligados à sexualidade, como por exemplo, o banho, a amamentação, os carinhos, a troca de olhares e até mesmo o ninar, constituem as primeiras sensações sensuais da criança.

É de extrema importância trabalharmos a orientação sexual com a educação infantil pois, ainda segundo Maria Cecília as sensações vivenciadas na faixa etária de 0 a 6 anos são a base para o desenvolvimento da resposta erótica, da capacidade de estabelecer conexões afetivas e da vontade de aprender. Além disso, a educação sexual é um relevante recurso para a prevenção de casos de violência sexual. Em seu livro *Pipo e fifi*, a pedagoga e especialista em educação sexual Caroline Arcari, ressalta que as crianças precisam ter acesso à informação o quanto antes, pois só assim vão conseguir identificar as diversas situações do cotidiano.

Pensando pela perspectiva da sexualidade infantil, pode-se apresentar a teoria do desenvolvimento da sexualidade, construída por Freud. Esta teoria é dividida em cinco fases psicosssexuais, baseadas nas modificações e nas formas de gratificação. Da mesma maneira como outros autores estabelecem os estágios do desenvolvimento humano,

como por exemplo, Piaget, Freud também o fez, contudo, com um olhar para o desenvolvimento da sexualidade infantil.

Na fase oral, ocorre nos primeiros 18 meses de vida das crianças, neste período compreende-se a boca como principal zona de prazer, ou seja, as sensações de prazer e satisfação dos bebês estão concentradas predominantemente em volta dos lábios, língua e, um pouco mais tarde, dos dentes, isto é, pelo processo de mastigação. Vale ressaltar, que quando Freud fala da sexualidade no estágio oral, está se referindo acerca da busca pelo prazer, isto é, o ato de se alimentar e de se movimentar, ou seja, a perspectiva pela qual a criança se percebe no mundo que o cerca, bem como a interação com sua mãe e os demais que estão ao seu redor. (FREITAS, et al 2012; SILVA, 2008)

Na Fase anal ocorre o momento em que se inicia na criança o controle dos esfíncteres, ocorre por volta dos dois anos de idade e considera o ânus como principal zona erógena, envolve não apenas o prazer de controlar os esfíncteres, mas também o contentamento em produzir algo do próprio corpo. Neste sentido, o que costuma ocorrer neste período é a ansiedade dos pais em querer desfraldar a criança, em muitos momentos, repreensões são desnecessárias e podem causar traumas emocionais no desenvolvimento infantil. (FREITAS, et al 2012; SILVA, 2008).

Fase fálica / Complexo de Édipo/ Complexo de Electra: inicia-se por volta dos três anos de idade e trata-se da descoberta e relação da criança com seus órgãos genitais e também remete a mudança de comportamento das crianças com os pais. No complexo de Édipo o menino desenvolve uma certa possessividade e amor incontrolável pela mãe, com isso desenvolve também o sentimento de rivalidade pelo pai, o mesmo acontece com as meninas no complexo de Electra, em determinado momento passam a idealizar o pai e sentem um ciúme excessivo da mãe.

Período de Latência: identificado entre os seis e dez anos de idade, é considerado um intervalo no desenvolvimento da sexualidade infantil, trata-se de um momento em que a energia libidinal está concentrada em outro objeto que não o próprio corpo, o que significa que não se identifica uma zona erógena específica neste período. Este momento coincide com a iniciação da vida escolar, é quando a criança está se descobrindo longe dos pais, conhecendo colegas, ou seja, é um momento de desenvolvimento da maturidade emocional.

A fase genital, inicia-se na adolescência, período que há influência de todas as outras fases psicosssexuais infantis e que todas as áreas erógenas estão interligadas, compreende transformações corporais, biológicas, afetivas e sociais; é um período de maturidade psíquica, esta fase, acompanha os sujeitos até o fim da vida. (FREITAS, et al 2012; SILVA, 2008).

A educação sexual tem o intuito de orientar a criança no decorrer das suas descobertas em relação ao próprio corpo, visa respeitar suas fases psicosssexuais e ajudá-la a formar uma personalidade saudável, com respeito por si próprio e pelo outro, além de tentar evitar situações de abuso.

3.2 A sexualidade na Base Nacional Comum Curricular e os campos de experiência da educação infantil

“A escola pode se constituir espaço privilegiado para promoção da discussão acerca diversidade sexual e de gênero, muito embora também se configure como reprodutora de preconceitos e discriminações” (OLIVEIRA, 2018, p. 3), explicitados através da dificuldade de gestores e professores no enfrentamento das questões relativas à diversidade afetivo-sexual vivenciadas no cotidiano.

Nesse sentido, a atuação docente é fundamental, merecendo destaque os processos de formação inicial e continuada que favoreçam a constituição de um cotidiano escolar de respeito à diversidade e do desenvolvimento da educação sexual em uma perspectiva de emancipação. Compreende,

em sua maioria, que a educação sexual não é função da escola, que deveria apenas cuidar para que os desvios fossem corrigidos, a partir de uma perspectiva moralizante e normalizadora que compreende os jovens e as crianças com as quais trabalham como interessadas precocemente por sexo. (OLIVEIRA, 2018, p. 7).

Ainda neste sentido,

Não identificam espaços formativos em educação sexual e gênero em suas formações iniciais, sendo os mesmos raros em espaços de formação continuada. Quando questionados sobre possíveis cursos de educação continuada, apresentam expectativas de receberem prescrições de como agir em situações que envolvam questões referentes à sexualidade e gênero. (OLIVEIRA, 2018, p. 10).

Assim, fortalece-se a importância do planejamento e desenvolvimento de cursos de formação continuada que, além de esclarecerem e fornecerem informações constitua-se enquanto espaços de reflexão, clarificação e transformação de preconceitos e concepções reducionistas de sexualidade e gênero.

Vale ressaltar que trabalhar com a sexualidade da criança tem que estar dentro dos fundamentos pedagógicos que devem ser contemplados no âmbito educacional, assim encaminhando para coisas que possam ser abordadas do ponto de vista educativo, apresentando, por exemplo, os livros paradidáticos que abordem o desenvolvimento sexual dos seres humanos, dos animais, das plantas. Na educação, a sexualidade trata-se de uma temática extremamente associada aos preconceitos, por isso é pouco estudada. (LOURO, 2014).

Para que o educador venha a trabalhar com este tema em sala de aula, é importante que amplie seus conhecimentos acerca do assunto, para que possa auxiliar os alunos que não possuem informações adequadas, respondendo e esclarecendo suas dúvidas, a fim de contribuir com uma melhora na qualidade de vida dos alunos.

Uma abordagem temática consciente e respeitosa resultará na formação de futuros adultos psicologicamente mais saudáveis, exercendo a sua sexualidade de forma segura e responsável. Além disso, pode prevenir questões como gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, que ocorrem, muitas vezes, por falta de informações. (LOURO, 2014).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece cinco Campos de Experiência para a Educação Infantil, que indicam quais são as experiências fundamentais para que a criança aprenda e se desenvolva. Os campos enfatizam noções, habilidades, atitudes, valores e afetos que as crianças devem desenvolver de 0 a 5 anos e buscam garantir os direitos de aprendizagem dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas.

Ou seja, o conhecimento vem com a experiência que cada criança vai viver no ambiente escolar. Dessa forma, os Campos estão organizados de forma a apoiar o professor no planejamento de sua prática intencional. “As atividades propostas à criança devem ser bem planejadas, o próprio cuidar não pode ser algo mecânico. (LOURO, 2014).

A criança precisa ter tempo e espaço para se expressar e o professor tem de estar aberto para acompanhar as reações dela, que serão sempre únicas e pessoais”, explica

a assessora pedagógica e formadora Silvana Augusto. Em outras palavras, é importante que as práticas do professor estejam diretamente comprometidas com as necessidades e os interesses da criança, para que a vivência se transforme em uma experiência e tenha, de fato, um propósito educativo. (LOURO, 2014).

3.2.1 O eu, o outro e o nós

Destaca experiências relacionadas à construção da identidade e da subjetividade, as aprendizagens e conquistas de desenvolvimento relacionadas à ampliação das experiências de conhecimento de si mesmo e à construção de relações, que devem ser, na medida do possível, permeadas por interações positivas, apoiadas em vínculos profundos e estáveis com os professores e os colegas. O Campo também ressalta o desenvolvimento do sentimento de pertencimento a determinado grupo, o respeito e o valor atribuído às diferentes tradições culturais. (TREVISAN, 2018).

3.2.2 Corpo, gestos e movimentos

Coloca ênfase nas experiências das crianças em situações de brincadeiras, nas quais exploram o espaço com o corpo e as diferentes formas de movimentos. A partir daí, elas constroem referenciais que as orientam em relação a aproximar-se ou distanciar-se de determinados pontos, por exemplo. O Campo também valoriza as brincadeiras de faz de conta, nas quais as crianças podem representar o cotidiano ou o mundo da fantasia, interagindo com as narrativas literárias ou teatrais. (TREVISAN, 2018)

Traz, ainda, a importância de que as crianças vivam experiências com as diferentes linguagens, como a dança e a música, ressaltando seu valor nas diferentes culturas, ampliando as possibilidades expressivas do corpo e valorizando os enredos e movimentos criados na oportunidade de encenar situações fantasiosas ou narrativas e rituais conhecidos. (TREVISAN, 2018).

3.2.3 Traços, sons, cores e formas

Ressalta as experiências das crianças com as diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, incluindo o contato com a linguagem musical e as linguagens visuais, com foco estético e crítico. Enfatiza as experiências de escuta ativa, mas também de criação musical, com destaque nas experiências corporais provocadas pela intensidade dos sons e pelo ritmo das melodias. (TREVISAN, 2018).

Valoriza a ampliação do repertório musical, o desenvolvimento de preferências, a exploração de diferentes objetos sonoros ou instrumentos musicais, a identificação da qualidade do som, bem como as apresentações e/ou improvisações musicais e festas populares. Ao mesmo tempo, foca as experiências que promovam a sensibilidade investigativa no campo visual, valorizando a atividade produtiva das crianças, nas diferentes situações de que participam, envolvendo desenho, pintura, escultura, modelagem, colagem, gravura, fotografia etc. (TREVISAN, 2018).

3.2.4 Escuta, fala, pensamento e imaginação

Realça as experiências com a linguagem oral que ampliam as diversas formas sociais de comunicação presentes na cultura humana, como as conversas, cantigas, brincadeiras de roda, jogos cantados etc. Dá destaque, também, às experiências com a leitura de histórias que favoreçam aprendizagens relacionadas à leitura, ao comportamento leitor, à imaginação e à representação e, ainda, à linguagem escrita, convidando a criança a conhecer os detalhes do texto e das imagens e a ter contato com os personagens, a perceber no seu corpo as emoções geradas pela história, a imaginar cenários, construir novos desfechos etc. (TREVISAN, 2018).

O Campo compreende as experiências com as práticas cotidianas de uso da escrita, sempre em contextos significativos e plenos de significados, promovendo imitação de atos escritos em situações de faz de conta, bem como situações em que as crianças se arriscam a ler e a escrever de forma espontânea, apoiadas pelo professor, que as engajam em reflexões que organizam suas ideias sobre o sistema de escrita. (TREVISAN, 2018).

3.2.5 Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações

A ênfase está nas experiências que favorecem a construção de noções espaciais relativas a uma situação estática (como a noção de longe e perto) ou a uma situação dinâmica (para frente, para trás), potencializando a organização do esquema corporal e a percepção espacial, a partir da exploração do corpo e dos objetos no espaço. (TREVISAN, 2018).

O Campo também destaca as experiências em relação ao tempo, favorecendo a construção das noções de tempo físico (dia e noite, estações do ano, ritmos biológicos) e cronológico (ontem, hoje, amanhã, semana, mês e ano), as noções de ordem temporal (“Meu irmão nasceu antes de mim”, “Vou visitar meu avô depois da escola”) e histórica (“No tempo antigo”, “Quando mudamos para nossa casa”, “Na época do Natal”).

Envolve experiências em relação à medida, favorecendo a ideia de que, por meio de situações-problemas em contextos lúdicos, as crianças possam ampliar aprofundar e construir novos conhecimentos sobre medidas de objetos, de pessoas e de espaços, compreender procedimentos de contagem, aprender a adicionar ou subtrair quantidades aproximando-se das noções de números e conhecendo a sequência numérica verbal e escrita. (TREVISAN, 2018).

A ideia é de que as crianças entendam que os números são recursos para representar quantidades e aprender a contar objetos usando a correspondência "um-a-um", comparando a quantidade de grupos de objetos utilizando relações como mais que, menos que, maior que e menor que. (TREVISAN, 2018).

O Campo ressalta, ainda, as experiências de relações e transformações favorecendo a construção de conhecimentos e valores das crianças sobre os diferentes modos de viver de pessoas em tempos passados ou em outras culturas. Da mesma forma, é importante favorecer a construção de noções relacionadas à transformação de materiais, objetos, e situações que aproximem as crianças da ideia de causalidade (TREVISAN, 2018).

Os campos se relacionam a partir do processo que se inicia na infância, desde o nascimento. Na escola, na sala de aula, os alunos são submetidos às técnicas disciplinares, visando que eles tirem o máximo proveito das atividades escolares e das relações grupais. O disciplinamento atua diretamente na constituição do sujeito idealizado pela sociedade atual, bem como na transformação deste sujeito em algo pré-formatado, definido pela

sociedade como “modelo necessário e indispensável” (FOUCAULT, 2003). O educador é um sujeito social de grande importância no espaço escolar.

A escola sendo um espaço educativo desempenha um papel na formação das crianças. Refletir sobre gênero, corpo e sexualidade numa época de transição de valores como a atual, é bastante complexo. Pode-se encontrar na escola ou na família pessoas com argumentações totalmente diferentes sobre assuntos ligados à manifestação da sexualidade.

Portanto, abordar o tema emergente da sexualidade constitui grande desafio aos educadores. Gênero e sexualidade, assim como o corpo, parecem simplesmente terem sido colocados na escola, inscritos em determinada anatomia ou em uma interioridade psicológica inata, com uma identidade trazida da herança.

As “marcas ou inclinações”, tidas como inatas e naturais, são “marcas construídas ou formatadas” pelo meio. Vale ressaltar que a educação sexual está assegurada nos PCNs, documento no qual está inserido que trabalhar com a sexualidade não só envolve a questão biológica, mas também as áreas psicológica, social e cultural. “A sexualidade se desenvolve através das relações interpessoais, na escuta de histórias infantis, nas atividades realizadas entre elas, por seu envolvimento em jogos e brincadeiras. Entre jogos e brincadeiras, surgem questões sobre a sexualidade” (SILVA, 2016, p. 17).

Essas atividades buscam estimular diferentes vivências. O espaço escolar requer um clima favorável para o desenvolvimento das atividades; ajuda a criança a descontrair e a sentir-se à vontade para fazer seus comentários e perguntar o que quer saber. A dinâmica deste trabalho exige do professor buscar recursos, como filmes, livros de histórias, os quais são formas de se trabalhar em grupo.

É importante que as atividades sejam sobre corpo, gênero e sexualidade na educação infantil. “É fundamental que a abordagem do assunto seja feita de forma prazerosa e que venha a desenvolver projetos no espaço escolar”. (SILVA, 2016, p. 17).

3.3 Oficinas Psicopedagógicas: Trabalhando a sexualidade com discentes e docentes

No âmbito educacional, a articulação entre teoria e prática encontra na metodologia das oficinas pedagógicas um recurso oportuno. Este artigo caracteriza a oficina

pedagógica como forma de construir conhecimento a partir da ação e da reflexão e relata sucintamente uma experiência.

A articulação entre teoria e prática é sempre um desafio, não apenas na área da educação. Entre pensar e fazer algo, há uma grande distância que, no entanto, pode ser vencida. Um dos caminhos possíveis para a superação dessa situação é a construção de estratégias de integração entre pressupostos teóricos e práticas, o que, fundamentalmente, caracteriza as oficinas pedagógicas. Na sequência, no quadro 01, apresenta-se uma proposta de oficina psicopedagógica, para se trabalhar a questão da sexualidade na educação infantil.

Quadro 01 – Oficina Psicopedagógica para educação infantil

CONHECIMENTO, CONSENTIMENTO E PROTEÇÃO, QUANDO DIZER NÃO?	
Objetivo: Promover acessibilidade aos alunos o conhecimento do próprio corpo; oferecer um espaço de escuta, de fala e proteção; esclarecer o conceito de consentimento e não consentimento e quais as formas de expressá-lo; construir valores e uma postura perante questões sexuais.	
Local: Centro de Educação Infantil	Duração: Mensalmente
Público alvo: Crianças de 4 a 5 anos da pré-escola	Data: Na segunda sexta-feira de cada mês
Número de participantes: Duas turmas do pré, em torno de 40 crianças.	Materiais utilizados: Bonecos sexuados para mostrar as diferenças biológicas, fantoche para a ludicidade na contação de história, livros relacionados ao tema e massa de modelar para modelar as partes do corpo.
Metodologia:	
<ul style="list-style-type: none"> ● Uma vez por mês as professoras irão desenvolver uma oficina voltada à sexualidade das crianças. ● Na primeira oficina serão abordadas questões referentes ao autoconhecimento e proteção, para iniciar a temática deverá ser realizada uma roda de conversa para que as professoras observem atentamente o que as crianças sabem sobre seu próprio corpo. ● Em seguida será disponibilizado às crianças bonecos sexuados para que façam comparações e percebam as diferenças e semelhanças biológicas entre os bonecos. Após esta dinâmica, haverá uma contação de história sobre Livro “Pipo e Fifi: ensinando proteção contra abuso sexual” de Caroline Arcari a história se referente às partes do nosso corpo e o que devemos permitir ou não. ● Para finalizar a oficina, será disponibilizado massa de modelar para as crianças esculpirem as partes do corpo humano. 	

Fonte: Desenvolvido pelos autores com base em França Silva (2022)

A educação sexual deve sim iniciar-se nas escolas e ser desenvolvida durante todo o período escolar. Esse trabalho deve acontecer no dia a dia com a criança, principalmente quando são apresentadas curiosidades ou atitudes acerca do tema em que o professor possa intervir orientando e esclarecendo, pois é dentro das escolas que se deve discutir diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes na sociedade relacionadas à sexualidade.

De acordo com Figueiró (2006, p. 92), “A sexualidade é umas das questões que mais tem trazido dificuldades e desafio aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar”. Nesse sentido é papel da escola fornecer a formação continuada de professores com intuito de formar o indivíduo para o exercício da cidadania.

Assim, o educador tem um papel de grande importância na sociedade e no desenvolvimento das crianças, tornando-as instruídas sobre seus corpos, sobre como prevenir abusos e também sobre como construir um pensamento crítico diante dos questionamentos do cotidiano.

Quadro 02 – Oficina Psicopedagógica para formação de professores em contextos de diversidade

EDUCAÇÃO SEXUAL PARA DOCENTES, APRENDENDO A ENSINAR	
Objetivo: Aceitar a criança como um ser sexuado, aprender a agir em situações adversas como masturbação das crianças, erotização precoce ou identificação de sinais de abuso, adequar informações à linguagem das crianças, normalizar a sexualidade das crianças, trabalhar interiormente as questões sexuais, livrar-se de preconceitos e superar tabus.	
Local: Centro de Educação Infantil	Duração: Mensalmente
Público alvo: docentes do CEI com idade entre 20 e 40 anos	Data: Na segunda sexta-feira de cada mês
Número de participantes: 15 professoras	Materiais utilizados: Dispositivo eletrônico conectado a internet

Metodologia:

- Uma vez por mês as professoras participarão de uma oficina voltada à contextos de diversidade com os alunos
- Na primeira oficina serão abordadas questões referentes à sexualidade na educação infantil, como criar um espaço de proteção e a que sinais devem estar atentas. Para iniciar a temática deverá ser realizada uma roda de conversa para que as professoras discutam abertamente sobre o conceito de educação sexual.
- Em seguida será disponibilizado às professoras o vídeo explicativo “A importância da educação sexual (Proteção, Consentimento e Segurança) do canal Criar e Crescer, para esclarecer a relevância da educação sexual na educação infantil.
- Após assistirem ao vídeo as professoras serão convidadas a compartilhar situações adversas que passaram em sala de aula e quais ações elas tiveram.
- Para finalizar a oficina, as professoras escolherão uma temática relacionada à sexualidade infantil, deverão pesquisar sobre o assunto, e desenvolver um seminário para a próxima oficina, o trabalho deve conter uma problemática e sugestões para lidar com a situação.

Fonte: Desenvolvido pelos autores com base em França Silva (2022)

3 Considerações finais

Esse trabalho pretendeu identificar os impasses presentes na educação infantil que impedem a implementação pedagógica do ensino da sexualidade para ajudar na prevenção de abusos sexuais, na construção de um espaço de fala, escuta e acolhimento e na quebra de tabus e preconceitos relacionados à sexualidade.

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a sexualidade infantil no contexto escolar e conhecer quais as possíveis práticas de abordagem existentes dentro da escola de educação infantil. Para tanto, esclarece-se que tanto o objetivo geral, quanto os específicos, foram alcançados à medida em que a fundamentação teórica e a revisão de literatura foram sendo construídas e escritas, por meio de autores referências no assunto acerca do ensino e da sexualidade humana.

Através do seguinte acumulamos um conjunto de atividades realizadas, abordado de diversas maneiras e com enfoque em várias áreas. O trabalho possibilitou transformar, criar iniciativas, desenvolver habilidades e aperfeiçoá-las. Cumprisse também um importante papel na socialização dos indivíduos, por ser muitas vezes realizado em conjunto e com um objetivo comum. A realização faz com que sejam desenvolvidas

técnicas, e essas técnicas são transmitidas culturalmente. É o que acontece no trabalho onde cada um de nós constrói o seu próprio modo de aprender e ensinar.

Referências

SEXUALIDADE infantil - **a melhor forma de abordar o tema na escola**. [S. l.], 5 out. 2021. Disponível em: <https://www.cpt.com.br/cursos-metodologia-de-ensino/artigos/sexualidade-infantil-a-melhor-forma-de-abordar-o-tema-na-escola>. Acesso em: 5 set. 2021.

SEXUALIDADE: Saúde na Escola. **Mostra e Projetos**, [S. l.], p. 1-4, 2 fev. 2012.

ABORDANDO SEXUALIDADE NA ESCOLA. **UFMG**, [S. l.], p. 1-34, 11 maio 2015.

REALIZAÇÃO DE AÇÕES DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. **FÓRUM CEARENSE DE ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA**, [S. l.], p. 1-4, 18 maio 2016.

PAVIANI, N.M; FONTANA, N.M. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. Universidade de Caxias do Sul, [s. l.], 2 ago. 2009.

OLIVEIRA, R.R; BRANCALEONI, A.P. **Formação de professores em sexualidade e gênero: concepções de docentes de uma escola pública do interior de São Paulo**. UNESP, [s. l.], 17 jun. 2018.

SILVA, Gustavo Thayllon França. **Desenvolvimento humano nas diferentes faixas geracionais: abordagens psicológicas e psicopedagógicas**. Curitiba: Intersaberes, 2022.